

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ENGENHARIA
CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA**

GABRIELA GOMES MARQUES

**MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES EM ILHA SOLTEIRA (SP):
conhecimentos e técnicas utilizadas nos sistemas produtivos**

Ilha Solteira

2022

GABRIELA GOMES MARQUES

**MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES EM ILHA SOLTEIRA (SP):
conhecimentos e técnicas utilizadas nos sistemas produtivos**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Engenharia de Ilha
Solteira – UNESP/FEIS, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Bacharel em
Engenharia Agrônômica.

Prof. Dr. Antonio Lázaro Sant’Ana
Orientador

Ilha Solteira

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Desenvolvido pelo Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação

Marques, Gabriela Gomes.

M357m Mulheres agricultoras feirantes em Ilha Solteira (SP): conhecimentos e técnicas utilizadas nos sistemas produtivos / Gabriela Gomes Marques. -- Ilha Solteira: [s.n.], 2022
38 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Engenharia Agrônômica) - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, 2022

Orientador: Antonio Lázaro Sant'Ana
Inclui bibliografia

1. Características da produção e das agricultoras. 2. Práticas alternativas. 3. Transição agroecológica. 4. Agricultura familiar.

João Josué Barbosa
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação
Diretor Técnico
CRB 8-5642

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ENGENHARIA - CAMPUS DE ILHA SOLTEIRA

CURSO DE AGRONOMIA

ATA DA DEFESA – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TÍTULO: MULHERES AGRICULTORAS FEIRANTES EM ILHA SOLTEIRA (SP):
conhecimentos e técnicas utilizadas nos sistemas produtivos.

ALUNA: GABRIELA GOMES MARQUES **RA:** 151050147

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antonio Lázaro Sant’Ana

Aprovado (X) - Reprovado () pela Comissão Examinadora com Nota: 10,0

COMISSÃO EXAMINADORA:



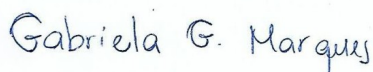
PROF. DR. ANTONIO LÁZARO SANT’ANA (ORIENTADOR)



DRA. RAÍSSA PEREIRA DINALLI



DOUTORANDA DÉBORA PAVANI SILVA



ALUNA: GABRIELA GOMES MARQUES

Ilha Solteira (SP), 09 de fevereiro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres da minha vida, elas sempre me inspiraram em tudo, em especial a minha mãe Daniela Rodrigues Gomes (o amor da minha vida) e meus outros amores, as minhas irmãs Juliana e Marcela (minha 'coorienter') que sempre foram os maiores exemplos pra mim. Agradeço ao meu pai Edvaldo Dida Peralta Marques, que apesar de todas as dificuldades sempre me ajudou, eu te amo muito. A minha querida avó Vanda Peralta Marques que sempre se preocupou com minha formação e acreditou em mim.

Aos meus amigos: Natan Fernandes Passos (sei que estaria orgulhoso e me dando forças se ainda estivesse aqui, sempre te amarei e me recordarei de ti, meu irmão de alma), a Camila Mendes (minha melhor amiga e terceira irmã que escolhi) e ao Max Renan (meu confidente e amigo especial).

Ao meu orientador Antonio Lázaro Sant'Ana que me acolheu de braços abertos quando quis mudar de área de pesquisa, te admiro imensamente.

A todas as mulheres agricultoras que contribuíram com a pesquisa, vocês são admiráveis.

Aos grupos Guatambu e Gaisa que foram as melhores escolhas que fiz dentro da graduação e despertaram meu amor pela agroecologia e extensão rural.

A minha terapeuta Hellen Luisie, você é maravilhosa, gratidão por tanto.

Por fim e não menos importante, aos meus pequenos (Marceline, Drink, Duke, Macabea e Tobias) que sempre me encheram de amor e alegria em momentos difíceis.

RESUMO

Pensar em agricultura familiar e a mudança do modelo de agricultura convencional para um modelo de base ecológica é também pensar no papel que as mulheres ocupam nesse processo. Em sua maioria, essa mudança é induzida por agricultoras, visto que na construção sócio-histórica do papel das mulheres na sociedade, estas, na maioria das vezes, estiveram incumbidas a realizar atividades de cuidado e educação, sendo mais preocupadas com questões de saúde e preservação dos recursos naturais. Desta maneira, o presente estudo objetivou investigar quais são as técnicas e conhecimentos adotados por agricultoras feirantes nos sistemas produtivos, no município de Ilha Solteira (SP), a fim de analisar se esse manejo apresenta ou não as características do processo de transição agroecológica. A pesquisa consistiu na aplicação de questionários na forma de entrevista. No total, foram entrevistadas 15 agricultoras feirantes dos assentamentos de Ilha Solteira (SP). As entrevistas ocorreram entre março e julho de 2020, por meio de visita à feira da Zona Sul e, seguida, devido à pandemia, quando não possível ser feita presencialmente, alguns relatos foram coletados por telefone ou aplicativo da internet, conforme preferência das agricultoras. Como resultado, foi possível identificar que as agricultoras feirantes ainda seguem muitas tecnologias convencionais em seus sistemas produtivos, no entanto, nota-se uma riqueza de práticas alternativas e a disposição pela ampliação das mesmas. Constatou-se, quanto ao conhecimento acerca da agricultura que, em sua maioria, é proveniente dos vínculos familiares; que há forte participação e protagonismo das mulheres nos trabalhos do campo, pois estão inseridas em todo o processo de cultivo e manejo dos sistemas produtivos. Apesar de ser quase desconhecido o entendimento sobre o que é agroecologia, pode-se afirmar que, na prática, as agricultoras feirantes têm desenvolvido técnicas e conscientização coerentes com o processo de transição agroecológica.

Palavras-chave: Características da produção e das agricultoras. Práticas alternativas. Transição agroecológica. Agricultura familiar.

ABSTRACT

Thinking about family farming and the change from the conventional agriculture model to an ecologically based model is also thinking about the role that women play in this process. For the most part, this change is induced by female farmers, since in the socio-historical construction of the role of women in society, they were, in most cases, responsible for carrying out care and education activities, being more concerned with health and health issues. preservation of natural resources. In this way, the present study aimed to investigate what are the techniques and knowledge adopted by women farmers in the production systems, in the municipality of Ilha Solteira (SP), in order to analyze whether or not this management presents the characteristics of the agroecological transition process. The research consisted of the application of questionnaires in the form of an interview. In total, 15 female farmers from the settlements of Ilha Solteira (SP) were interviewed. The interviews took place between March and July 2020, through a visit to the South Zone fair and then, due to the pandemic, when it was not possible to do in person, some reports were collected by phone or internet application, according to the preference of the farmers. As a result, it was possible to identify that fairground farmers still follow many conventional technologies in their production systems, however, there is a wealth of alternative practices and a willingness to expand them. Regarding knowledge about agriculture, it was found that, for the most part, it comes from family ties; that there is strong participation and protagonism of women in field work, as they are inserted in the entire process of cultivation and management of production systems. Despite the fact that the understanding of what agroecology is almost unknown, it can be said that, in practice, women farmers have developed techniques and awareness that are consistent with the process of agroecological transition.

Keywords: Characteristics of production and female farmers. Alternative practices. Agroecological transition. Family farming.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da faixa etária.....	16
Figura 2	Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da escolaridade.....	17
Figura 3	Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função dos tipos de cultivos no estabelecimento.	18
Figura 4	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de espontâneas...	19
Figura 5	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de pragas em plantas.....	21
Figura 6	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de doenças em plantas.....	22
Figura 7	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das culturas cultivadas sem agrotóxico....	23
Figura 8	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função do tipo de criação animal.....	24
Figura 9	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função do tipo de manejo de doença animal.....	25
Figura 10	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função de suas fontes de conhecimento sobre agricultura	26
Figura 11	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da consideração sobre intensidade do trabalho.....	27
Figura 12	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, quanto ao número de horas trabalhadas, em comparação aos demais membros da família.....	28
Figura 13	Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da consideração que possuem sobre importância do seu trabalho.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	9
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR E TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA.....	9
2.2 MULHERES E AGROBIODIVERSIDADE.....	11
3 METODOLOGIA.....	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar possui uma trajetória recente na história do Brasil. Impulsionada por lutas populares, movimentos sociais e sindicais pós período ditatorial, por contribuições científicas na década de 1990, resultado de debates sobre o tema, e pela intervenção estatal por meio da criação de políticas públicas, o que lhe trouxe maior visibilidade no espaço agrário brasileiro (SCHNEIDER; CASSOL, 2013).

Segundo Wanderley (1996), em seu conceito genérico, a agricultura familiar corresponde ao cultivo do solo por pequenos proprietários rurais (inclui também pequenos arrendatários, parceiros e ocupantes) que possuem vínculos familiares entre si, e, além de serem donos da terra, também trabalham nela. Ademais, a produção familiar também representa um modo de ser e viver: é resiliente as adversidades impostas pelo modelo de agricultura industrial vigente, isto é, o agronegócio, e utiliza-se de técnicas e recursos alternativos para a sua produção e manutenção, que, frequentemente, são menos agressivos ao meio ambiente, tendo a sustentabilidade como um de seus princípios.

Dessa forma, a agricultura familiar está muito além da definição proposta na Lei nº 11.326/2006, Art. 3º, que considera agricultor (a) familiar e empreendedor (a) familiar rural aquele que exerce atividades no meio rural, possuindo até quatro módulos fiscais, cuja maior parte da força-de-trabalho é proveniente da própria família e maior percentual de renda é oriundo das atividades econômicas ligadas ao seu estabelecimento (BRASIL, 2006).

Além de critérios produtivos, como mencionado na legislação brasileira, pode-se afirmar que a agricultura familiar contempla um estilo de vida (PLOEG, 2014). Nesse sentido, vale dizer que a relação que o (a) agricultor (a) estabelece com a terra e com o processo de produção dos alimentos é completamente distinta do padrão da agricultura dominante, que possui uma relação de exploração da terra aos interesses do lucro e em benefício de determinado (s) grupo (s).

Em alguns casos podemos dizer que a agricultura familiar possui um diálogo com a transição agroecológica e com a agroecologia, que se configura como a passagem de um modo de ser/fazer para outro diferente. A agroecologia, por sua vez, abrange as dimensões econômica, social e ambiental. Econômica porque prioriza a implementação de tecnologias agrárias alternativas poupadoras de energia e investimento de capital, que expressa, em certa medida, resistência por parte dos agricul-

tores(as) em não ser cooptado pela lógica capitalista; social, pois reconhece os processos de marginalização e exclusão da sociedade e caminha em direção a propor uma outra forma de relação interpessoal, com participação cidadã ativa na elaboração de respostas frente as necessidades locais, e promove a qualidade de vida através de melhores condições de trabalho e saúde; e ambiental, uma vez que luta pela preservação do meio ambiente e denuncia sua destruição, a partir de um manejo mais sustentável com recursos da própria natureza, dando espaço para a construção de novos conhecimentos que auxiliam no desenvolvimento e consolidação da agroecologia. Nesse sentido, a participação dos (as) agricultores (as) familiares como atores sociais no processo de transição, utilizando-se de manejos ecológicos em suas propriedades, é de extrema importância para a consolidação da agroecologia enquanto prática e ciência (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).

Pensar em agricultura familiar e a mudança do modelo de agricultura convencional para um modelo de base ecológica é também pensar no papel que as mulheres ocupam nesse processo. Em sua maioria, essa mudança é induzida por agricultoras, visto que na construção sócio-histórica do papel das mulheres na sociedade, estas, na maioria das vezes, estiveram incumbidas a realizar atividades de cuidado e educação, e que se refletem hoje, quando por exemplo são elas que estão mais 'atentas' para as questões relacionadas à saúde da família e à preservação dos recursos naturais (SILIPRANDI, 2007).

Ante ao exposto e com base no objeto de estudo da presente pesquisa, considerou-se relevante investigar quais são as técnicas adotadas por agricultoras feirantes, assim como os conhecimentos apropriados e utilizados na produção familiar que realizam, a fim de construir um panorama geral – embora introdutório – sobre o manejo da agricultura familiar local, e se esse manejo adota ou não as características de um processo de transição agroecológica.

Para tanto, foi necessário definir o local de investigação e delimitar o público-alvo da pesquisa, sendo escolhido o município de Ilha Solteira (SP) e as mulheres agricultoras dos assentamentos da região que participam de feiras livres em Ilha Solteira-SP.

O município de Ilha Solteira insere-se em contexto de reforma agrária, possuindo dois assentamentos rurais resultado das lutas dos trabalhadores sem-terra que se articularam por meio do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) da região e outros movimentos de luta pela terra. Os assentamentos Estrela da Ilha e Santa

Maria da Lagoa foram criados no ano de 2005; o primeiro possui uma área de 2.984,33ha e foi dividido em 209 lotes, e o segundo tem uma área de 1.210,63ha, abrigando 75 famílias em lotes. Em ambos, o tamanho da área de cada lote é de aproximadamente 12 hectares, além 20% da reserva legal (INCRA, 2010).

As feiras livres acontecem, regularmente, em Ilha Solteira (SP), uma delas é realizada aos sábados na Alameda São Paulo, em um espaço aberto; e a outra ocorre aos domingos, na altura do Passeio Caracol, em uma área fechada.

Espera-se com os resultados obtidos possam contribuir com outros estudos sobre o trabalho das mulheres na agricultura familiar e fazer avançar o conhecimento em busca de divulgar e consolidar a nascente agroecologia, promovendo o fortalecimento da agricultura familiar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Agricultura Familiar e Transição Agroecológica

Uma agricultura de menor impacto ao ambiente, duradoura e com capacidade de proteção aos recursos naturais, têm sido cada vez mais procurada, tendo como objetivo a fuga do modelo convencional da agricultura que passou a ser hegemônico, a partir das novas descobertas da química agrícola, da biologia e da mecânica, ocorridos já no começo do século XX. Neste ambiente de busca e construções de novos conhecimentos, em meio aos problemas socioambientais, surgiu a agroecologia (CAPORAL; COSTABEBER, 2004).

A agroecologia envolve práticas agrícolas alternativas e desenvolvimento de agroecossistemas com mínima demanda de insumos agroquímicos e energia externa. Guzmán (2001) conceitua a agroecologia como manejo ecológico dos recursos naturais através de formas de ação social coletiva, mediante propostas surgidas a partir de seu potencial endógeno. É tanto uma ciência em construção quanto um conjunto de práticas.

No que concerne à dimensão científica, tem como base a aplicação da ecologia para o estudo e, desenho e manejo dos agroecossistemas. Como reflexo disso, projeta-se em promover interações biológicas que sejam sinérgicas entre os elementos do agroecossistema contribuindo, dessa forma, para a regeneração da fertilidade do solo, além da manutenção da produtividade e da proteção das culturas. Em função da diversidade e complexidade em que se encontram os agroecossistemas, a sustentabilidade e resiliência são mais facilmente alcançadas. Em relação ao conjunto de práticas, estas se fundamentam a partir do conhecimento dos agricultores familiares e de seus processos de experimentação, sendo eles importantes atores sociais deste processo. A agroecologia trabalha de maneira holística, como uma teoria crítica que questiona a agricultura industrial, como prática ecológica e sustentável, e como movimento social em defesa da justiça social, soberania e segurança alimentar (ALTIERI, 2012).

Como resultado da subordinação ao modo de produção capitalista vigente, a agricultura familiar tem capacidade de interiorizar a seu modo às regras que perpetuam no sistema dominante, expondo um grau de flexibilidade que traz certa margem de auto-organização e autonomia. Embora prossiga dependente, tal

flexibilidade justifica a continuidade histórica da agricultura familiar, mesmo com as adversidades. Dessa forma, pode-se afirmar que os agricultores familiares possuem outro entendimento sobre a centralidade dos processos de produção agrícola, especificamente na produção de alimentos, sendo este entendido como um direito e não apenas como uma mercadoria. A lógica de produzir alimentos está além de ser um negócio, não configurando somente uma acumulação de capital. Os agricultores familiares são geradores diretos dos seus meios de vida (MOLINA, 2011).

Os agricultores familiares adotam predominantemente princípios agroecológicos, baseando-se na tradição local, práticas culturais, levando-se em conta os valores e saberes tradicionais passados de geração em geração. Nesse sentido, segundo Costabeber (1998), a agricultura de concepção ecológica tem se tornado uma via utilizada por agricultores familiares em resposta à exclusão econômica e social e à deterioração ambiental.

Assim sendo, a agroecologia tem papel fundamental na transição do modelo industrial da agricultura contemporânea para uma agricultura sustentável, além de tudo, integra o conhecimento local ao conhecimento científico. Segundo Caporal e Costabeber (2004), a transição agroecológica tem sua ocorrência de maneira gradual, sem que tenha seu final determinado, sendo esta composta por três níveis principais, os quais na medida em que progridem encontram-se mais próximos da transformação integral do agroecossistema. O primeiro grau do processo está alicerçado na redução do uso de insumos externos devido ao incremento de eficiência das práticas convencionais. O segundo está pautado na substituição de insumos externos e práticas convencionais por práticas alternativas. Por fim, o terceiro grau refere-se ao redesenho dos agroecossistemas. Segundo Gliessman et al. (2006), há um quarto grau da transição agroecológica, esta se associa a reconexão entre agricultores e consumidores, mediados por uma transformação ética, moral e social de valores.

O processo agroecológico valoriza as atividades que são tradicionalmente realizadas por agricultoras como hortas, pomares, processamento de alimentos, entre outros; que as envolve em diversas fases do processo produtivo no estabelecimento familiar. A transição agroecológica representa, muitas vezes, uma mudança radical no modo de se relacionar com a natureza e com as pessoas, numa concepção de cuidado e respeito com o meio ambiente e os seres humanos. Além de enaltecer um papel comumente atribuído às mulheres (o cuidado), essa postura

proporciona espaço para questionamento de relações autoritárias. Ao longo da transição agroecológica, há envolvimento de todos os membros da família, posto que tal processo requer integração do conjunto de atividades exercidas na propriedade, demandando responsabilidade de diferentes pessoas, quebrando paradigma de que o homem deve gerenciar tudo (SILIPRANDI, 2007).

2.2 Mulheres e Agrobiodiversidade

No que diz respeito às mulheres no meio rural, com o decorrer do processo histórico, houve vasta acumulação de conhecimentos acerca de sistemas agroecológicos, nos quais as mulheres exerceram importantes papéis na produção, propiciando através de suas atividades produtivas alicerces para a segurança alimentar (SIQUEIRA *et al.*, 2011).

As mulheres desenvolvem imprescindível papel como conservadoras da biodiversidade e domesticação de plantas, além de serem administradoras dos fluxos de biomassa. Em muitas regiões do mundo manifestam considerável conhecimento acerca das espécies de recursos genéticos e fitogenéticos. Assim, através de sua atividade produtiva assegura base para a segurança alimentar (PACHECO, 2002).

O papel das mulheres no manejo e uso sustentável de recursos biológicos é de extrema importância, no entanto, tradicionalmente acaba sendo invisibilizado. Na esfera da produção agrícola, o homem majoritariamente é reconhecido como o verdadeiro produtor rural, enquanto a mulher tem seu trabalho subvalorizado, sendo este atribuído somente como uma ajuda. As mulheres são designadas a exercerem papéis de mãe e dona do lar, sendo responsabilizada por todo trabalho doméstico não-remunerado. A experiência e conhecimento das agricultoras em relação à produção de alimentos são desconsideradas, cabendo ao homem, o papel de representante da família e responsável pela atividade agrícola e gestão do lar. Embora participem de diversas atividades agrícolas em dupla ou até mesmo tripla jornada, a invisibilidade de seu trabalho perdura (PACHECO, 2002). É importante ressaltar que, sem reconhecimento do papel e trabalho das mulheres, não há agroecologia, visto que a agroecologia incorpora também relações de equidade de gênero.

Shiva e Dankelman (1994), citado por Siqueira et al (2011), afirmam que se as mulheres continuarem a serem marginalizadas no processo do manejo dos recursos e da produção, não será possível a conservação da diversidade biológica. Segundo Castro (2010), a manutenção da maior parte da biodiversidade está associada às mulheres, sendo elas as principais protagonistas da conservação e troca de materiais genéticos. A conservação da biodiversidade agrícola refere-se a agrobiodiversidade, e esta, por sua vez, além de envolver a questão ambiental, consiste em uma importante ferramenta para segurança alimentar e nutricional de toda população. Ademais, está relacionada com o desenvolvimento rural sustentável, inclusão social, combate à fome e a miséria (SANTILLI, 2009).

Segundo Albuquerque e Oliveira (2013), a agrobiodiversidade é elevada nos lotes e quintais onde as mulheres agricultoras colocam em prática seu conhecimento. Os recursos provenientes da agrobiodiversidade auxiliam na gestão de pragas, alimentação, uso medicinal, ornamental e místico. Além do mais, as mulheres do assentamento pesquisado por Albuquerque e Oliveira (2013) – Projeto de Assentamento Mártires de Abril (PASMA), localizado na Ilha de Mosqueiro, no estado do Pará – eram as responsáveis por 91% da circulação de sementes e mudas, desempenhando papel essencial na preservação e gestão de recursos genéticos de plantas e da biodiversidade do local. Cabe ressaltar que, elas também são responsáveis pela seleção, melhoramento e adaptação de variedades de plantas.

Borzzone (2017) observou que há maior autonomia das agricultoras mediante ao elo com a agroecologia. Mulheres camponesas que fazem parte da Associação de Produtores do Campo, no distrito rural de Arapuá, em Três Lagoas- MS, através da realização de atividades com hortas agroecológicas e indústria doméstica como extensão dos cuidados da casa, tornaram possível o fornecimento de alimentos saudáveis tanto para o autoconsumo, quanto para a comercialização, contribuindo significativamente para a geração de renda e maior emancipação das mulheres.

Percebe-se que as mulheres têm demonstrado empatia para trabalhar respeitando os princípios da agroecologia, cujas práticas se manifestam nas atividades desenvolvidas no estabelecimento produtivo. Na maioria dos casos, elas escolhem exercerem atividades relacionadas ao incremento da diversificação da produção agrícola associada à preocupação com a segurança alimentar. Alencar et al. (2011), em trabalho realizado na Amazônia, relata que as mulheres

desempenham tarefas de mão de obra no campo, se encarregam de decisões sobre o que plantar e para onde destinar a produção, quais animais criar e o destino dos produtos animais. As mulheres são as grandes responsáveis pelas culturas plantadas no entorno das casas, em hortas, quintais e jardins. Ademais, são guardiãs, perpetuadoras e disseminadoras de sementes adaptadas às condições locais, colaboram amplamente para a conservação e recuperação da biodiversidade e, assim sendo, para a estabilidade ecológica, social e econômica. Segundo trabalho de Dorce *et al.* (2017), a organização de um grupo de mulheres dos assentamentos Sebastião Rosa da Paz, Santa Clara e Guanabara têm desempenhado papel fundamental no resgate e multiplicação de sementes crioulas. Devido ao cuidado com a segurança e soberania alimentar de suas famílias, por mais de 10 anos, as agricultoras tem produzido ao redor de suas casas uma enorme diversidade de espécies, as quais, após a colheita selecionam as melhores sementes e as armazenam para o ano posterior. Além disso, realizam trocas com os vizinhos tendo finalidade de melhorar a diversidade existente em sua residência. Cumpre ressaltar que, toda a produção presente nos quintais mencionados no estudo, ocorrem de maneira agroecológica, sendo a agroecologia uma representação de autonomia e libertação da dependência de insumos externos. Portanto, infere-se que há uma forte contribuição no que tange a permanência de suas famílias no campo, sustentabilidade e a valorização dos saberes local. A experiência dessas agricultoras da região de Juti evidencia que as mulheres são as personagens principais da conservação da biodiversidade.

Esse resgate e multiplicação de sementes crioulas reforça a constatação do papel de protagonismo das mulheres na conservação da biodiversidade, aspecto já apontado em outros trabalhos, como o de Ferreira (2016), estando também muito interligado à garantia de segurança alimentar da família.

Portanto, a participação das mulheres em todas as etapas de formulação e execução da conservação da diversidade biológica assume grande importância, principalmente, ao considerar que a conservação e a biodiversidade constituem-se como pontos cruciais para a defesa da agricultura e do agroextrativismo familiar, enquanto, concomitantemente, a biodiversidade é amparada pela diversidade cultural (PACHECO, 2002).

A diversidade é um princípio que molda o conhecimento e o trabalho executado pelas mulheres agricultoras. Em suma maioria, as mulheres têm sido

guardiãs da biodiversidade, sendo elas responsáveis pela produção, reprodução dos materiais, consumidoras e conservadoras da diversidade agrícola. Entretanto, a contribuição das agricultoras para o desenvolvimento da agrobiodiversidade não é reconhecida como uma força de trabalho e de conhecimento, muito pelo contrário. Apesar disso, torna-se necessário enfatizar que, em muitos locais, a agrobiodiversidade representa a base de sustento e bem-estar das pessoas, sendo um meio de produção, objeto de consumo, sobrevivência e garantia de sustentabilidade desse meio de subsistência (SHIVA,1999).

3 METODOLOGIA

O segmento social estudado nesse trabalho é constituído pelas mulheres agricultoras dos assentamentos rurais do entorno de Ilha Solteira e que participam das feiras livres na referida cidade.

A coleta de dados foi realizada no período de março a julho de 2020, no município de Ilha Solteira (SP), inicialmente por meio de visitas à feira da Zona Sul e, devido a pandemia, algumas entrevistas foram feitas de forma remota, utilizando o meio de comunicação escolhido pelas agricultoras (aplicativo Whatsapp ou ligação telefônica).

Os dados foram obtidos por meio de questionário quali-quantitativo aplicado a 15 agricultoras que trabalham comercializando em alguma feira livre na região de Ilha Solteira (SP). Quanto ao tipo de questionário, este possui tanto perguntas abertas, ou seja, aquelas em que o sujeito pesquisado responde de forma livre e pode emitir opiniões; e perguntas fechadas que constituem questões em que pesquisado escolhe sua resposta entre determinadas opções apresentadas (MARCONI; LAKATOS, 2005).

O conteúdo das perguntas abrangeu características das agricultoras e do estabelecimento, técnicas usadas no sistema produtivo, fontes de conhecimento da agricultora, consideração em relação ao seu trabalho, se a produção ou parte da mesma contempla práticas alternativas/orgânicas e se sabem a distinção entre agricultura orgânica e agroecologia.

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva e, para melhor elucidação e interpretação dos dados obtidos, estes serão apresentados na forma de tabelas e gráficos.

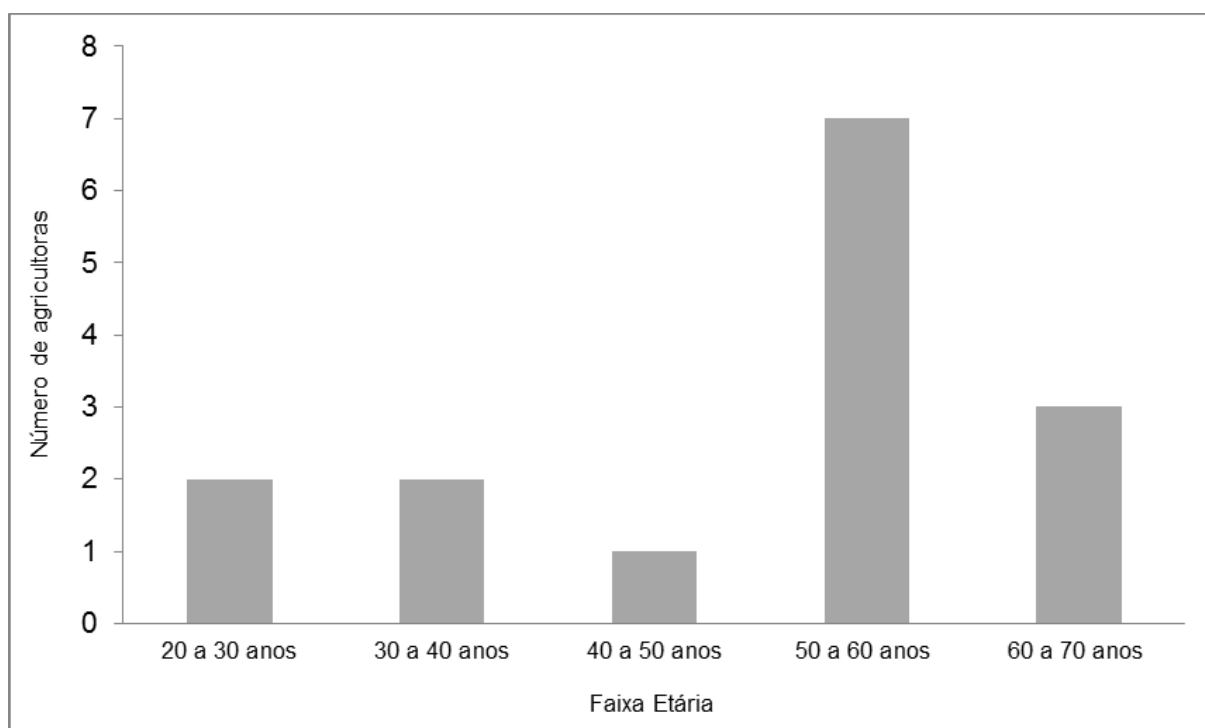
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os resultados, foi possível analisar alguns aspectos relevantes ao tema investigado no presente trabalho, sendo estes: características das agricultoras assentadas (idade, escolaridade); características gerais do estabelecimento (área do lote, culturas cultivadas, criação de animais, manejo, etc.); origem do conhecimento acerca da agricultura; consideração das agricultoras em relação ao seu trabalho. Além disso, verificou-se se a produção ou parte desta é considerada orgânica, e se as agricultoras conseguiam descrever a diferença entre o que é agricultura orgânica e agroecologia.

As agricultoras pesquisadas são dos assentamentos Roseli Nunes, Santa Maria da Lagoa, Cinturão Verde e Estrela da Ilha.

No que se refere à idade das agricultoras houve acentuada variação, com predominância de mulheres (10 entrevistadas) nas faixas entre 50 a 70 anos. Algumas agricultoras (quatro delas) são mais jovens: duas de 25, uma de 31 e uma de 39 anos (Figura 1). Esses resultados assemelham-se com o que foi apurado por Leal, Silva e Bertolazo (2015) entre as mulheres feirantes de Apucarana-PR.

Figura 1 - Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da faixa etária.

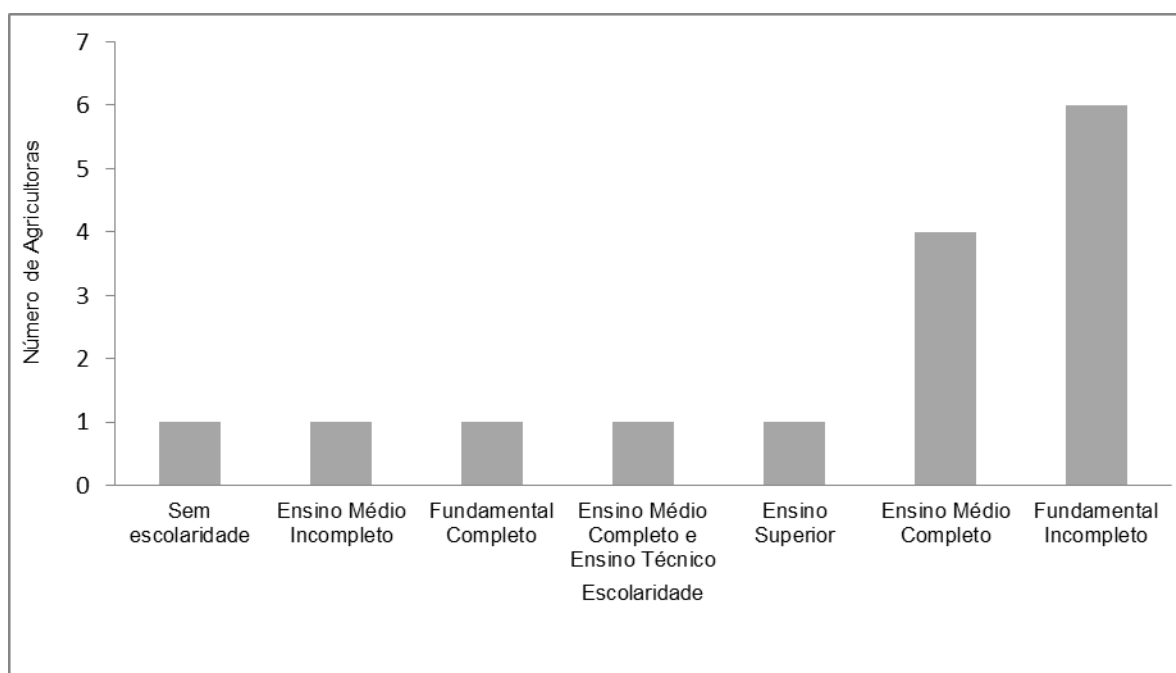


Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Quanto à escolaridade (Figura 2), parte expressiva das agricultoras (sete) não concluiu o ensino fundamental, sendo que uma delas nem frequentou a escola. No entanto, outras sete mulheres que no mínimo concluíram o ensino médio, uma também cursou o ensino técnico e uma o ensino superior.

Geralmente, quem comercializa nas feiras livres são mulheres que apresentam baixa escolaridade e idades mais avançadas. A feira livre se mostra um espaço onde as agricultoras podem se ingressar e se manter no mercado de trabalho mais facilmente, pois não há tanta exigência de regras e requerimentos, além de ser uma forma de aumentar a renda (LEAL; SILVA; BERTOLAZO, 2015). Porém, nesse caso, o grupo de mulheres que participaram da pesquisa é heterogêneo quanto à escolaridade.

Figura 2 - Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da escolaridade.



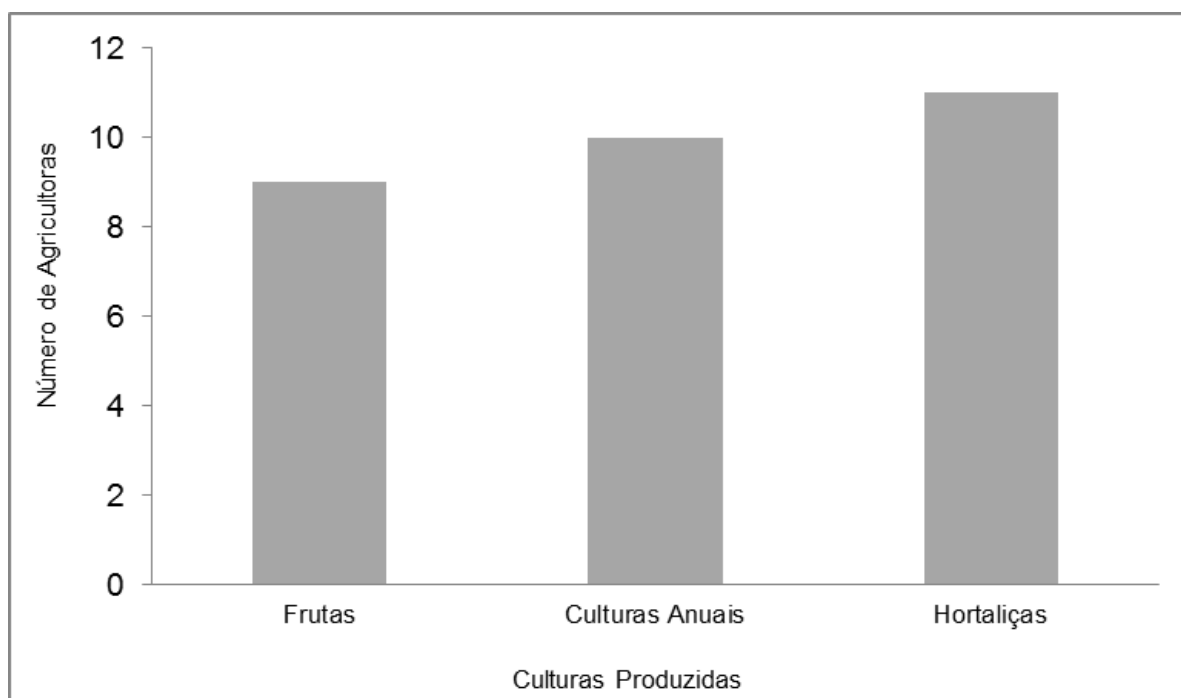
Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

No que diz respeito à quantidade de pessoas que moram no estabelecimento há predominância (em oito estabelecimentos) da faixa de duas a três pessoas, enquanto em quatro estabelecimentos existem quatro ou mais pessoas (até oito) residindo no lote. Cabe enfatizar que, há somente um caso em que existe apenas a agricultora morando no lote.

Em relação à mão de obra, esta é composta na maioria dos casos (oito estabelecimentos) por duas pessoas. Há quatro estabelecimentos que possuem mais que duas pessoas envolvidas no trabalho, em um deles esse número é de sete pessoas. Em três estabelecimentos há somente um indivíduo responsável pelo trabalho na produção.

Quanto aos cultivos nos estabelecimentos, as agricultoras mencionaram hortaliças (11 entrevistadas), culturas anuais (10 entrevistadas) e (nove entrevistadas) frutas (Figura 3). Apenas uma agricultora feirante relatou não ter produção vegetal na sua área.

Figura 3 - Distribuição (nº) das agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função dos tipos de cultivos no estabelecimento.



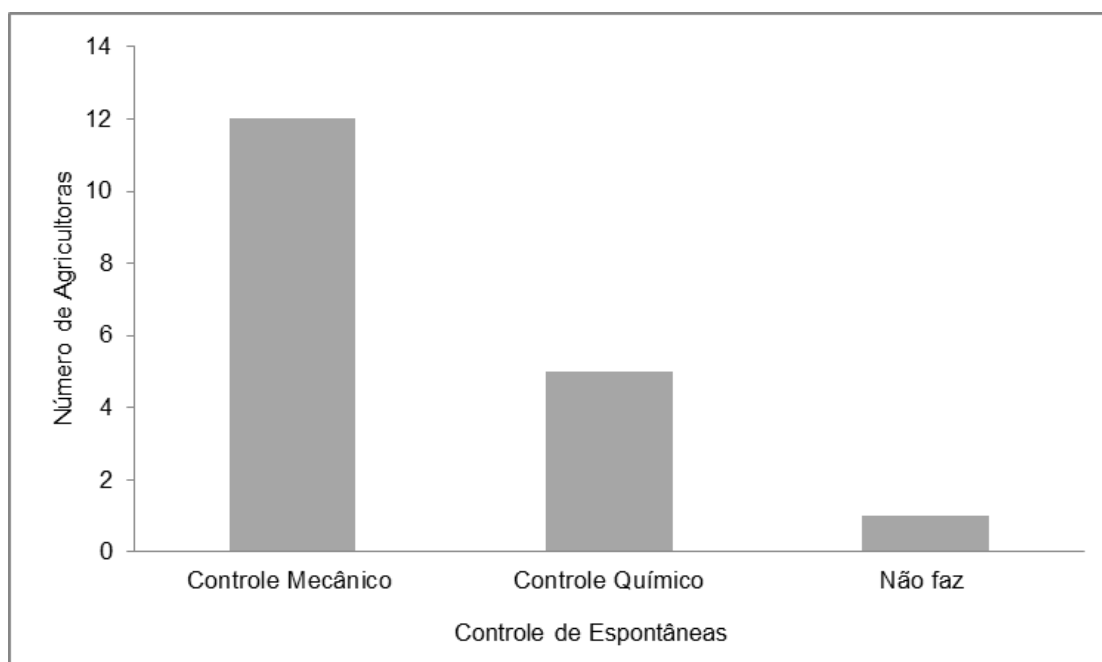
Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

O controle de espontâneas é realizado, em sua maior parte, por meio de controle mecânico (12 agricultoras). Entretanto, cinco agricultoras feirantes usam controle químico na sua área, entre essas, duas fazem capina. Além disso, outras práticas de controle mecânico são empregadas para controlar plantas espontâneas: uma entrevistada relatou que além de realizar capina, faz roçagem mecânica e utiliza arado em sua área, e outra agricultora, além de capinar manualmente, usa

grade. Vale frisar que, uma entrevistada afirmou não precisar fazer nenhum tipo de controle na sua área (Figura 4).

A capina manual trata-se de um método muito empregado em pequenas propriedades para controle de plantas espontâneas (KARAM, 2002). Apesar de ser uma operação onerosa em grandes áreas produtivas, por conta da grande quantidade de mão de obra que precisa ser empregada; em pequenas áreas, a capina manual é uma ótima alternativa de controle de plantas espontâneas em função da mão de obra ser predominante familiar, o que reduz custos na produção agrícola, além de ser uma alternativa menos danosa ao meio ambiente.

Figura 4 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de espontâneas.



Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Com relação ao controle de pragas (Figura 5), o controle químico mostrou-se o mais usual (nove agricultoras). No entanto, por mais que tenha sido mencionado com maior frequência, esse método não foi indicado como único. Duas agricultoras afirmam integrar o controle químico com outras práticas, como uso de receitas orgânicas. Cabe destacar que, uma delas mencionou utilizar nas espécies frutíferas uma mistura de água sanitária com detergente e água para o controle de pragas. De acordo com Barbosa *et al.* (2008), a pulverização de água sanitária + detergente neutro ou sabão em pó em áreas infestadas com cochonilhas mostrou-se uma boa

alternativa de controle. Além disso, a mesma agricultora relatou que no caso da cultura do coco utiliza saco de estopa cheio de sal grosso para afastar as pragas.

Quanto às agricultoras que utilizam somente métodos alternativos (quatro agricultoras) foram relatados diversos métodos. O uso do Neem e do caldo de fumo, associados ou não, foram mencionados como método de controle de pragas. De acordo com Mossini (2005, citado por BRASIL, 2013), o Neem tem atuação sobre mais de 400 espécies de insetos e ácaros ocasionando múltiplos efeitos, tais como: repelência, redução de alimentação, alteração no processo de mudança de exoesqueleto, atraso no desenvolvimento, redução da fertilidade e fecundidade, entre outras mudanças no comportamento e fisiologia dos insetos.

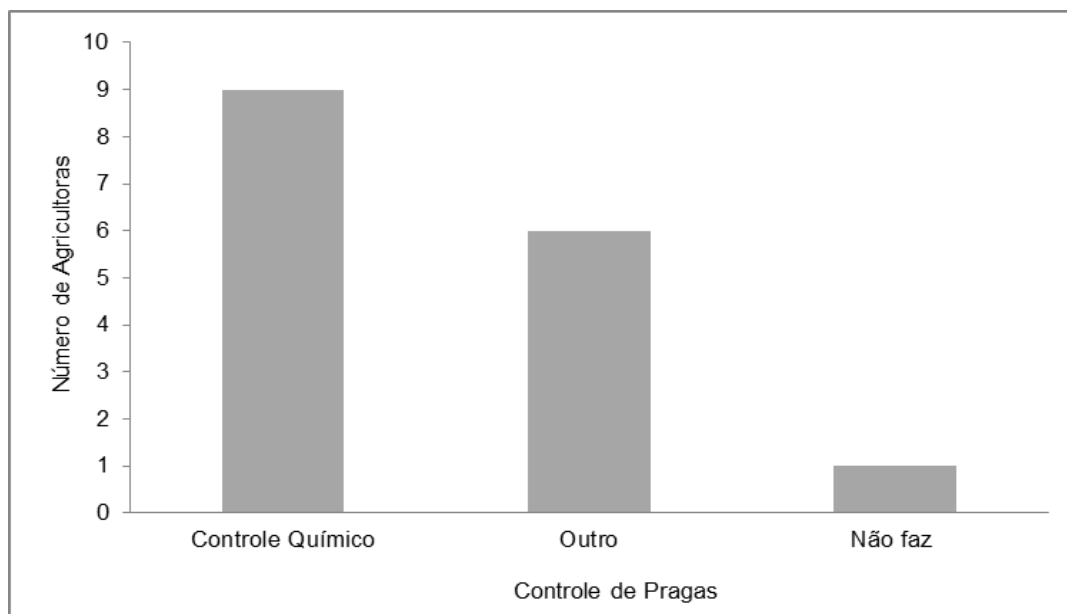
A utilização de extrato de fumo como medida de controle alternativo de pragas apresenta muitas vantagens, como a degradação rápida, o que reduz o impacto ao ambiente e aos insetos benéficos. Nesse sentido, o fumo também tem uma ação rápida sobre o inseto, seja ocasionando sua morte quase instantaneamente ou mesmo reduzindo e paralisando sua alimentação. Outro ponto positivo é a baixa toxicidade a mamíferos e sua seletividade, geralmente são menos danosos a insetos e ácaros benéficos especialmente por ter baixo efeito residual (SILVA *et al.*, 2017).

Além destes, foi frisado por uma agricultora que no caso de controle de pragas como lagartas, que ocorrem na cultura do maracujá, ela realiza catação manual e tem sido eficiente. A mesma também utiliza mistura de detergente, vinagre e água como método de controle, além do uso de casca de alho na água para pulverizar nas demais culturas e combater as referidas pragas.

O extrato de alho apresenta muitos compostos com atividade inseticida, tendo largo espectro de ação (MOREIRA *et al.*, 2015).

Apenas uma agricultora declarou não ter problema com ocorrência de pragas na sua área, mas quando tem é com pulgão. Ela ainda afirmou que, tem pesquisado receitas naturais com ingredientes que possui no seu estabelecimento para solucionar essa questão.

Figura 5 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de pragas em plantas.



Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Com relação ao manejo de doenças nos cultivos (Figura 6), o controle químico se apresenta como o mais utilizado (oito agricultoras). No entanto, duas agricultoras feirantes relatam utilizar caldas orgânicas para combater as doenças existentes na área, além destas, mais três agricultoras usam outros métodos nos seus cultivos. Tendo em consideração os métodos alternativos mencionados, o uso do leite para controle de oídio e mistura de água e cloro são formas de controle de doenças empregadas pelas agricultoras.

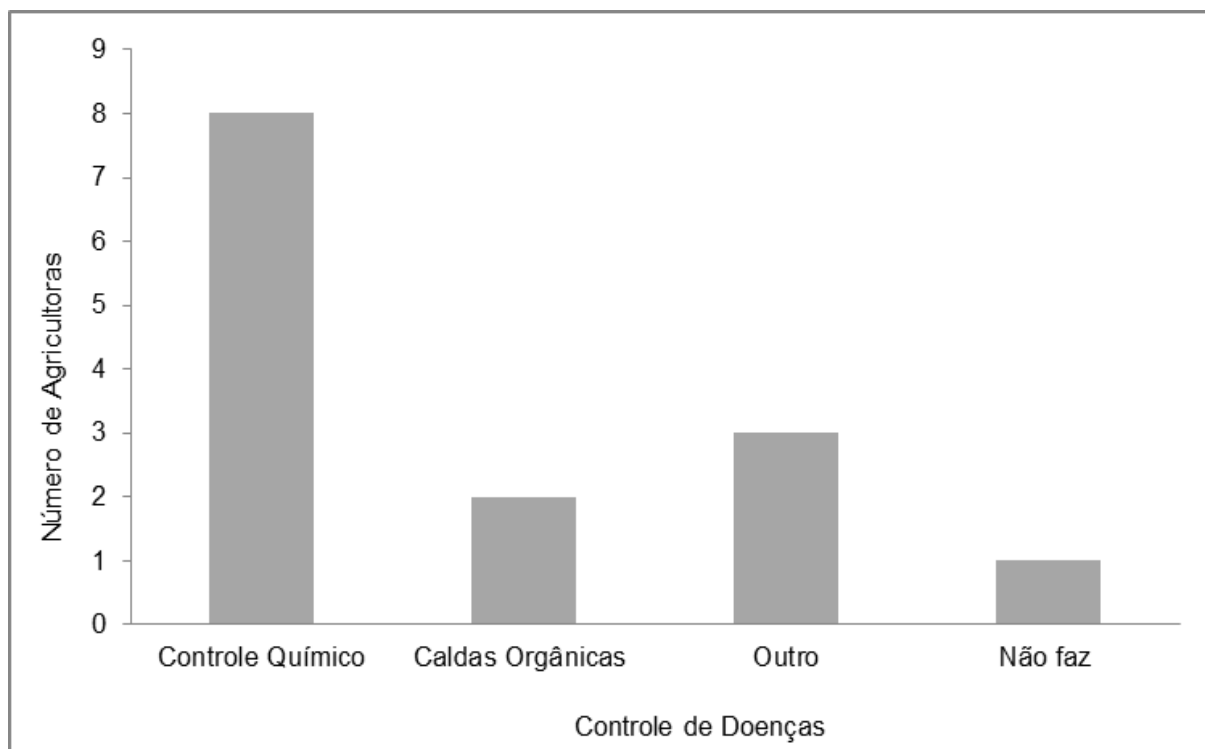
O leite pode atuar de diversas formas para controlar oídio, tendo efeito direto quando usado fresco por conta das suas propriedades germicidas. Devido às suas características, o leite pode estimular resistência das plantas ou mesmo controlar o patógeno, e ainda, estimular o controle biológico natural (BETTIOL; ASTIARRAGA; LUIZ, 1999, citado por SILVA, 2011).

Cabe ressaltar que, ainda que ocorram doenças nos seus cultivos, uma agricultora afirmou preferir deixar o patógeno na área e não controlar com recursos que podem ser nocivos para o solo e o meio, como por exemplo, os agrotóxicos utilizados na agricultura convencional. No entanto, a mesma, relata que tem buscado meios naturais para auxiliar.

De forma geral, as agricultoras que utilizam métodos alternativos no manejo se mostraram interessadas em cultivos mais sustentáveis e saudáveis. De acordo

com Siliprandi (2004), a mudança do modelo de agricultura convencional para uma de base ecológica em grande parte é protagonizada por mulheres, por estarem preocupadas com relação à saúde, extinção dos recursos naturais, ainda mais por lidar de forma direta com esses recursos.

Figura 6 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das formas de controle de doenças em plantas.

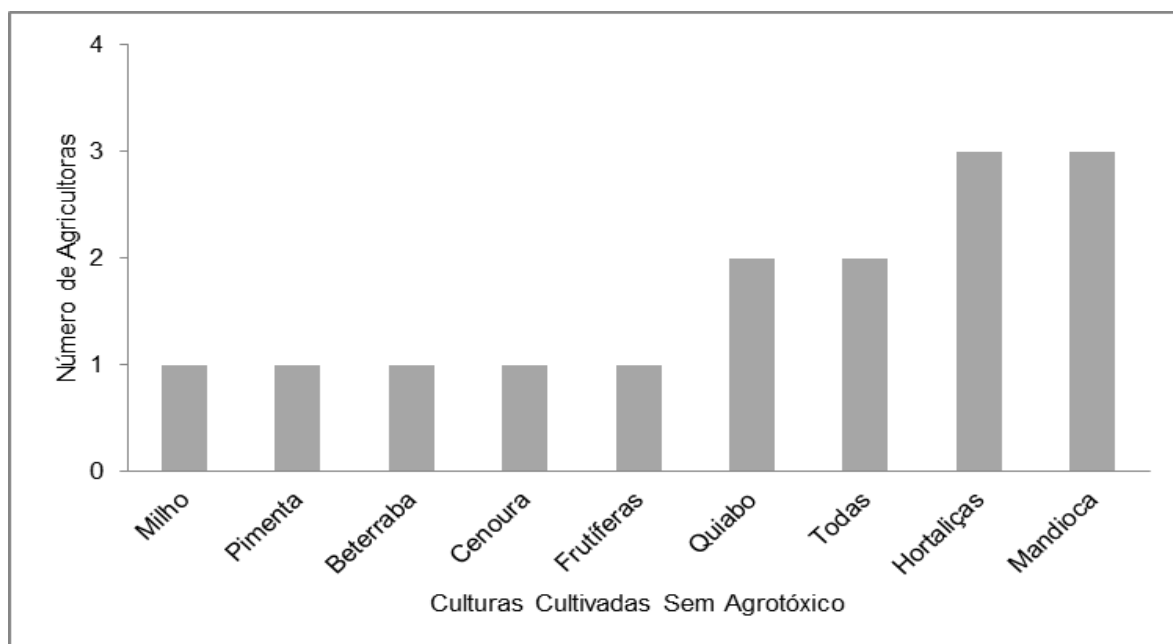


Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Pode-se observar no manejo de pragas e doenças que, embora haja predominância de controle químico, as agricultoras possuem conhecimento de diversos métodos alternativos. É importante salientar que, os ingredientes usados no controle de pragas e doenças por essas agricultoras estão disponíveis nos estabelecimentos, seja por conta de produzi-los ou por serem materiais de uso corriqueiro, como por exemplo, o detergente. Há uma adaptação de tecnologia para sua realidade, além de preocupação ambiental e com a saúde relatada pelas agricultoras. Portanto, se observa uma busca pela diminuição do uso de recursos externos ou mesmo uma diminuição destes nos sistemas produtivos, nesse sentido, segundo Caporal e Costabeber (2004), a redução de insumos externos é o primeiro grau do processo de transição agroecológica.

Também foi verificado junto às agricultoras quais culturas eram cultivadas sem uso de agrotóxico. Na Figura 7 estão detalhados os resultados, em que se observa que não usados esses produtos em hortaliças em geral (três agricultoras); mandioca (três agricultoras); todas as culturas cultivadas na área (duas agricultoras) e quiabo (duas agricultoras). Milho, pimenta; beterraba, cenoura e frutíferas foram cada uma citadas por uma agricultora. Portanto, constata-se que a maioria das culturas cultivadas sem agrotóxico são olerícolas.

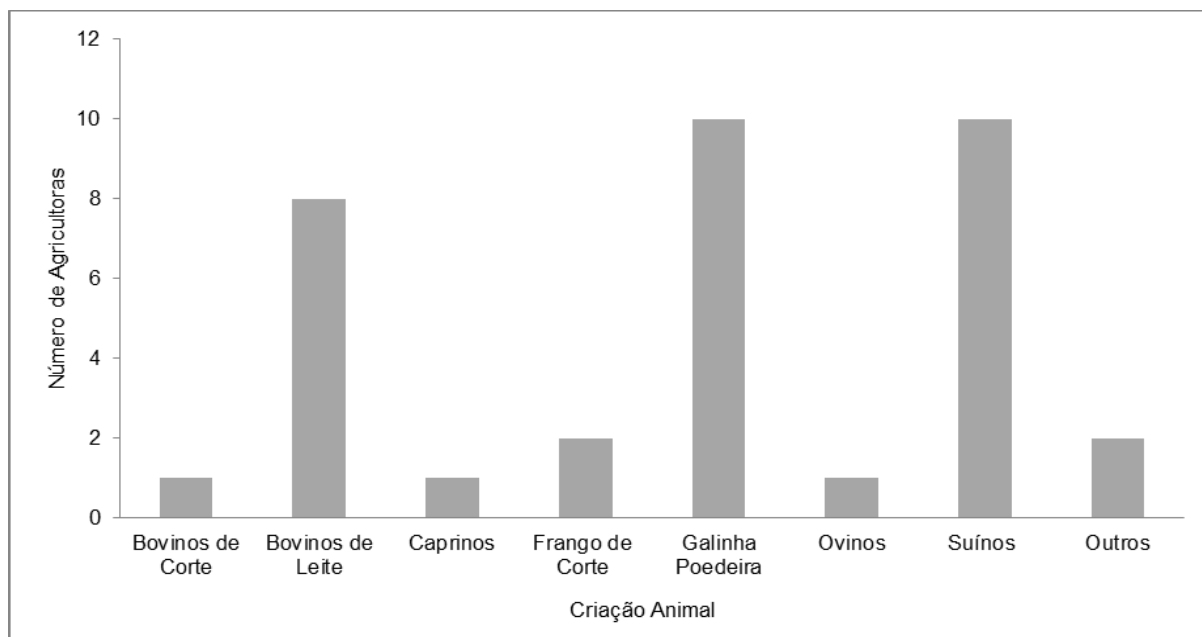
Figura 7 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função das culturas cultivadas sem agrotóxico.



Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

No que se refere à criação animal nos estabelecimentos (Figura 8), a grande maioria das agricultoras criam galinhas poedeiras e suínos (10 agricultoras); a maioria também possui bovinos de leite (oito agricultoras), enquanto bovino de corte foi citado por apenas uma agricultora. Outras criações são menos frequentes): frangos de corte (duas agricultoras); caprinos (uma agricultora) e ovinos (uma agricultora). Além destes, duas agricultoras mencionaram outros animais, sendo uma delas criadora de patos e cavalos, e a outra, esporadicamente, pesca e comercializa peixes.

Figura 8 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função do tipo de criação animal.



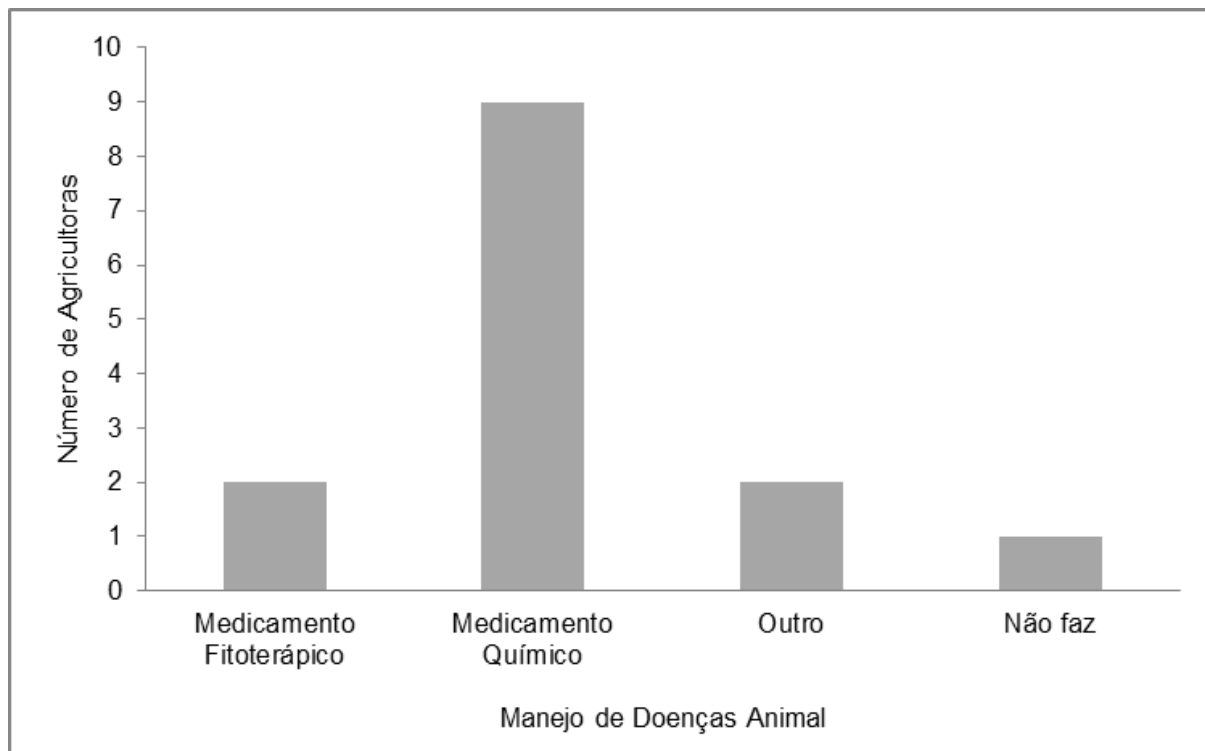
Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Em relação ao manejo de ectoparasitas e endoparasitas o medicamento químico se destacou, sendo que 12 agricultoras relataram uso dessa forma de controle. Apesar disso, outros métodos foram citados por duas agricultoras, sendo estes: alho batido e misturado na ração; casca de alho diluído para borrifar no animal; banana picada na alimentação animal; *neem* diluído para borrifar no animal; uso de cal no puleiro; broto ou folha de mamão na alimentação animal; e o Pastoreio Racional Voisin (PRV). Apesar da predominância do método convencional, constatou-se, novamente, alguns casos de práticas agrícolas mais sustentáveis e adaptadas a realidade das agricultoras.

O manejo de doenças animal assemelha-se ao de ectoparasitas e endoparasitas, o uso de medicamento químico (nove agricultoras) foi superior aos outros métodos, duas agricultoras feirantes usam medicamento fitoterápico e, outras duas agricultoras afirmam dispor de outros métodos, sendo uma delas adapta também a medicação química (Figura 9). Apenas uma agricultora afirmou não precisar fazer controle de doença no estabelecimento.

Quanto aos outros métodos, novamente, foi citado o uso da banana picada na alimentação animal, além deste, a utilização de casca de angico na água foi mencionada como prática de controle de doença animal. Cabe ressaltar que, as matérias primas para tais métodos estão disponíveis no estabelecimento das agricultoras ou em locais próximos.

Figura 9 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função do tipo de manejo de doença animal.



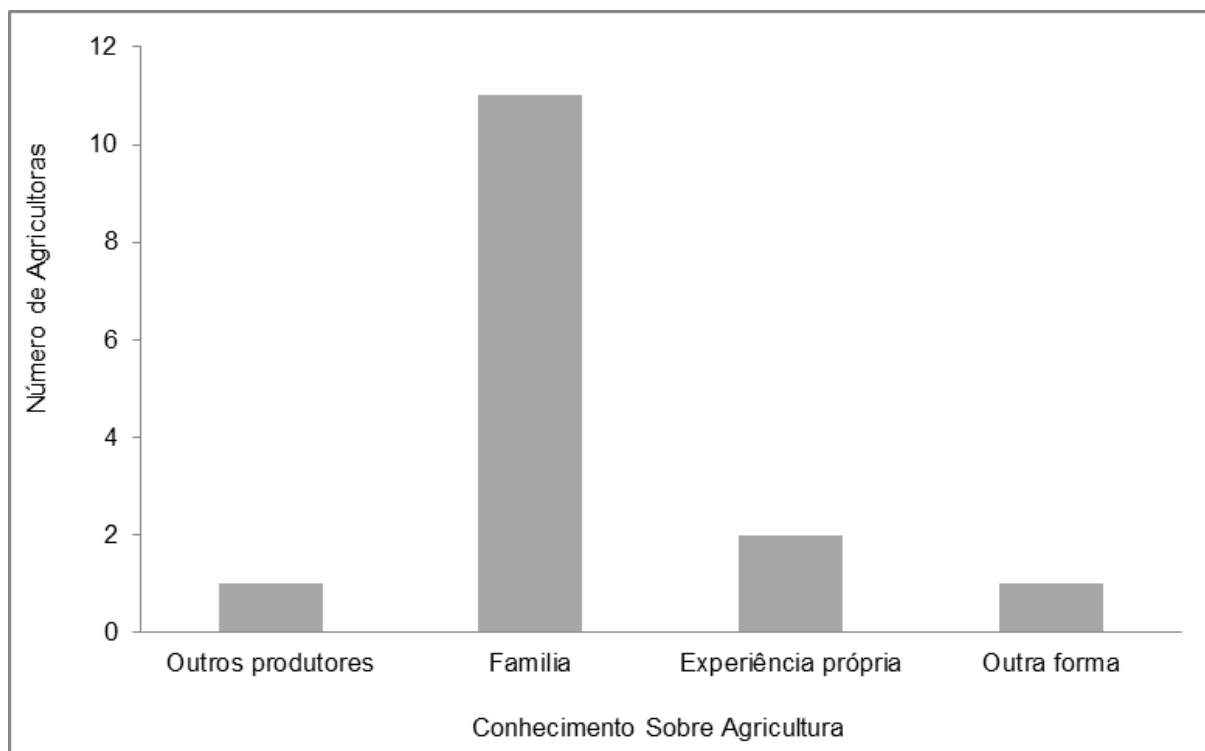
Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Com relação à fonte de seus conhecimentos sobre agricultura (Figura 10), constatou-se que não há suporte técnico regular para as agricultoras feirantes: 13 entrevistadas relataram não receber nenhum tipo de assistência, enquanto duas entrevistadas alegaram receber assistência de forma esporádica, porém, o auxílio é mediado por um amigo formado na área ou pelo grupo Guatambu (Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Desenvolvimento Rural e Sustentabilidade da Unesp Ilha Solteira). Cabe afirmar que predomina as agricultoras feirantes (11) que aprenderam o trabalho com a agricultura por meio dos seus ancestrais. Segundo Fidelis e Bergamasco (2015), a família propicia importante mediação no processo de conhecimento de práticas que envolvem agricultura tradicional. É a partir das necessidades da família (alimentação, moradia, etc.) que é estipulado um modelo de agricultura e este é transmitido oralmente de geração a geração.

Além do aprendizado sobre agricultura ser mediado pela família, outras fontes de conhecimento foram citadas, como a experiência própria (duas agricultoras), através de outro agricultor (uma agricultora) ou outra forma de conhecimento (uma

agricultora) como a realização de cursos, leitura acerca do assunto e aprendizado prático.

Figura 10 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função de suas fontes de conhecimento sobre agricultura.

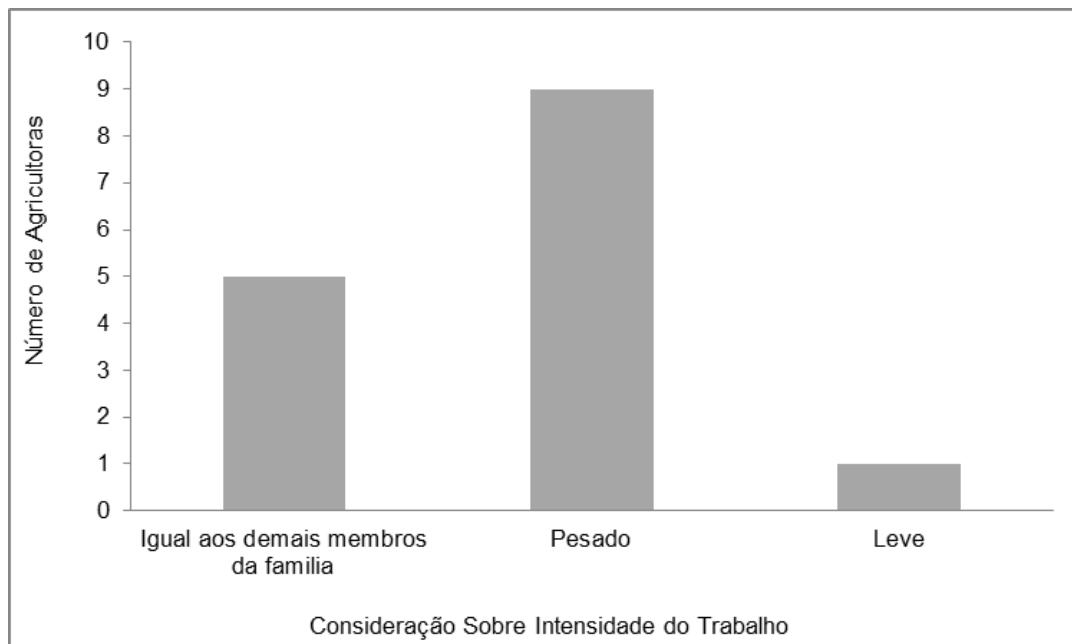


Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Quanto às práticas passadas pelos ancestrais 12 feirantes declaram usar práticas tradicionais, enquanto somente três agricultoras afirmam não utilizar nenhuma técnica obtida por meio do conhecimento pessoas da sua família. Dentre as práticas ancestrais citadas pelas agricultoras, temos desde afirmações que envolvem aspectos mais gerais como “todo o manejo”, criação e abate de suínos, o plantio do café, o processamento de alimentos e a comercialização em feiras; enquanto também foram citadas práticas específicas como o uso de cinza para combater pulgão; de palhada sobre canteiros para retenção de umidade; de esterco animal para adubação; conservação de carne de suínos em latas com banha.

No que diz respeito às questões relacionadas ao trabalho, precisamente sobre a intensidade do trabalho (Figura 11), nove agricultoras o consideram pesado, enquanto cinco consideram igual aos demais membros da família e apenas uma afirma ser leve.

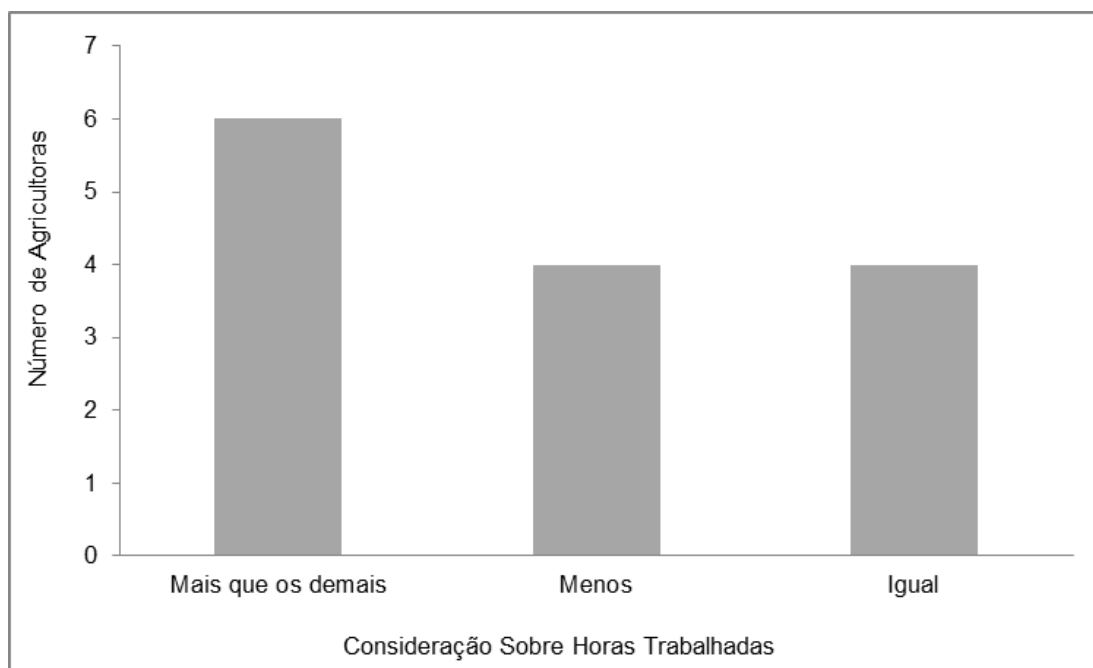
Figura 11 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da consideração sobre intensidade do trabalho.



Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Já em relação às horas trabalhadas (Figura 12), seis agricultoras feirantes afirmaram trabalhar mais que os demais membros da família, quatro avaliaram que trabalham menos e quatro trabalham igual aos demais. Apenas uma agricultura não respondeu, pois somente ela reside e trabalha no estabelecimento.

Figura 12 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, quanto ao número de horas trabalhadas, em comparação aos demais membros da família.

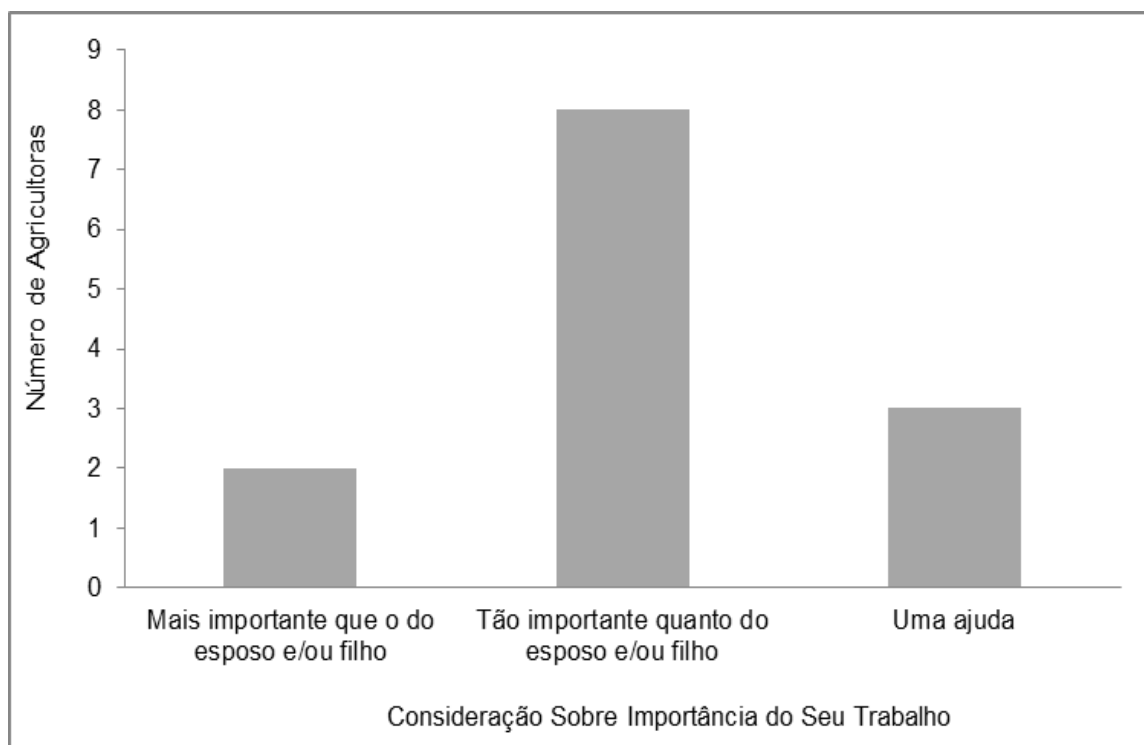


Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Quanto à importância do trabalho (Figura 13), oito agricultoras consideram seu trabalho tão importante quanto do esposo e/ou filho, três consideram uma ajuda e duas consideram mais importante que o do esposo e/ou filho.

Apesar de trabalharem mais, pois são encarregadas também do trabalho doméstico, boa parte das agricultoras consideram seu trabalho tão importante quanto do esposo e/ou filho ou mesmo uma ajuda. De acordo com Brumer (2004), citado por Herrera (2016), o trabalho exercido pelas agriculturas nos sistemas produtivos geralmente é visto como uma “ajuda”, mesmo quando as mulheres exercem as mesmas atividades que os homens. As tarefas exercidas por elas na agricultura são entendidas como uma extensão inerente às suas atribuições de mãe e esposa.

Figura 13 - Distribuição (nº) de agricultoras feirantes pesquisadas em Ilha Solteira-SP, em função da consideração que possuem sobre importância do seu trabalho.



Fonte: Elaboração da própria autora, 2020.

Com respeito à diferença de trabalho entre homens e mulheres, a maioria das agricultoras (10) acredita que há diferença no trabalho de homens e mulheres, enquanto cinco agricultoras acreditam que não haja diferença.

No que se refere à distinção entre a agricultura orgânica e a agroecologia, a grande maioria das agricultoras feirantes não soube responder (12), enquanto três responderam. Segundo uma das agricultoras feirantes:

A diferença é como se fossem estágios de conscientização e práticas de manejo. O primeiro estágio consiste no orgânico, retirando os insumos químicos. No segundo momento, vem a agroecologia com sentido mais holístico, com a interação de plantas, animais e seres humanos. No último estágio de conscientização, vem à agricultura biodinâmica, que além da interação das plantas, homens e animais tem a inserção de outro elemento: a lua e suas fases. Além disso, há diferença na questão econômica, a produção orgânica tem interessado às grandes indústrias, o processo produtivo e de certificação acabam encarecendo e os produtos orgânicos acabam sendo limitados aos ricos, os que têm acesso são os que possuem condição financeira. Em contrapartida, a agroecologia dá à sensação de ser mais popular, de ter discussões feitas com pequenos produtores, ter conscientização. Os alimentos agroecológicos acabam sendo mais acessíveis, mais populares.

Com relação às outras respostas, uma agricultura relacionou agroecologia com sistemas agroflorestais (SAFs), enquanto outra declarou que a agricultura orgânica é mais natural e a agroecologia é da natureza.

De acordo com Altieri (2012), a agroecologia surge como uma disciplina que têm como base princípios ecológicos para estudar, projetar e manejar agroecossistemas que sejam produtivos e ao mesmo tempo sustentáveis, assim como culturalmente adaptados e economicamente viáveis. Nesse sentido, a agroecologia é um estudo holístico que engloba elementos ambientais, elementos humanos, suas interações e processos de forma dinâmica.

A agricultura orgânica tem como princípio básico a não utilização de adubos minerais, além de destacar a importância da utilização da matéria orgânica no solo contribuindo para melhoria da fertilidade e vida presente no mesmo. Além disso, a agricultura orgânica não permite o uso de agrotóxicos ou mesmo de produtos e materiais que possuam qualquer resíduo químico (PENTEADO, 2001).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos e técnicas utilizados nos sistemas produtivos das agricultoras ainda estão, em sua maioria, aderidos às tecnologias convencionais de produção, no entanto, nota-se uma riqueza de práticas alternativas e a busca pela ampliação das mesmas.

Pode-se afirmar que, em sua maioria, o conhecimento acerca da agricultura é proveniente dos vínculos familiares. As práticas transmitidas pelos ancestrais, muitas vezes, contemplam uma adaptação para a realidade das agricultoras, valorizando recursos locais e a sustentabilidade.

Além disso, observou-se forte participação das mulheres nos trabalhos do campo, pois estão inseridas em todo o processo de cultivo e manejo dos sistemas produtivos. Nesse sentido, resgatando os princípios da agroecologia de equidade de gênero, torna-se essencial o reconhecimento coletivo de que elas ocupam um papel determinante na produção, sendo protagonistas no trabalho do campo, uma vez que tal reconhecimento, majoritariamente, é atribuído somente aos homens e, na realidade pesquisada, isso não se confirma.

Apesar de quase todas desconhecerem o entendimento sobre o que é agroecologia, pode-se afirmar que na prática, as agricultoras feirantes têm desenvolvido técnicas e conscientização que se alinham com o processo de transição agroecológica.

Por fim, é relevante reconhecer as limitações da presente pesquisa, sendo importante que a temática continue sendo investigada e ampliada por outros autores.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. A.; OLIVEIRA, R. S. **Levantamento, uso da Agrobiodiversidade e as redes de troca realizados pelas mulheres agricultoras no Projeto de Assentamento Mártires de Abril – PA**. 2013. Disponível em: <http://orgprints.org/25090/7/25090.pdf>. Acesso em: 29 out. 2019.
- ALENCAR, M. de C. F.; AVENTURIER, P.; ABREU, L. S. de; BERNARDO, P. As relações mulher-terra na revista *Agriculturas: análise temática e léxica*. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 6, n. 2, dec. 2011. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/11980>. Acesso em: 31 oct. 2019.
- ALTIERI, M. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 400 p.
- BARBOSA, F. R.; RODRIGUES, F.; SAMPAIO, D. de S.; LOPES, F. S. C.; MENEZES, M. E. L. Efeito de produtos alternativos utilizados no controle da Cochonilha-do-Carmim sobre o inimigo natural *Cryptolaemus montrouzieri*. In: CONGRESSO CEARENSE DE AGROECOLOGIA, 1., 2008, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer Stiftung; Embrapa Agroindústria Tropical; UFC: ACEG, 2008.
- BORTOLUCCI, H. B. ; PROCIDIO, Y. A. A. E. ; GUIARD, J. B. ; PEREIRA, L. M. ; SANT'ANA, A. L. Análise de oficina sobre compostagem em um assentamento rural de Ilha Solteira-SP. In: VIII Simpósio Reforma Agrária e Questões Rurais, 2018, Araraquara (SP). **Anais...** Araraquara (SP): Uniara, 2018. p. 01-08.
- BORZONE, C. V. VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 2017, Curitiba. **Grupo produtivo de mulheres camponesas no distrito Arapué – Três Lagoas/MS**. Curitiba: SINGA, 2017. 14 p. Disponível em: https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt04_1506917692_arquivo_artigocompletosinga-2017.pdf. Acesso em: 30 out. 2019.
- BRASIL, R. B. Aspectos botânicos, usos tradicionais e potencialidades de *Azadirachta indica* (Neem). **Enciclopédia Biosfera**, Goiânia, v. 9, n. 17, p. 3252-3268, 2013. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2013b/MULTIDISCIPLINAR/Aspectos.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 2006. Disponível em: http://www.rebrae.com.br/banco_arquivos/arquivos/legislacao_paa/11.326.pdf. Acesso em: 27 out. 2019.

BRUMER, A; DOS ANJOS, G. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera**, Presidente Prudente, v. 11, n. 12, p. 6-17, 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: Alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24p.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 3, n.3, p.70-85, 2002. Disponível em: https://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n3/revista11_artigo3.pdf. Acesso em: 04 fev. 2022.

CASTRO, Franciléia Paula de. Resgate e conservação de sementes crioulas: uma iniciativa do Grupo de Intercâmbio em Agricultura Sustentável em Mato Grosso. **Cadernos de Agroecologia**, [S.l.], v. 5, n. 1, june 2011. ISSN 2236-7934. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/10349>. Acesso em: 11 dez. 2019.

COSTABEBER, J. A. **Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil**. Córdoba, 1998. 422p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

DORCE, L.C.; FIGUEIREDO, J. P. F.; LOBTCHENKO, J. C. P.; FERNANDES, A. C. de Q.; SANGALLI, A.; PEREIRA, Z. V. O papel da mulher no resgate e multiplicação e Sementes Crioulas no Sul do Mato Grosso do Sul. In: VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno, 2017, Brasília. **Anais eletrônicos**. Brasília: ABA, 2018. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/559/849>. Acesso em: 11 dez. 2019.

FERREIRA, A. P. L. Agricultoras do Pajeú: Feminismo e Agroecologia no Semiárido Brasileiro. **Pegada: A Revista da Geografia do Trabalho**. Presidente Prudente (SP), v.17, n. 1, p.244-262, 2016.

FIDELIS, L. de M.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A família, suas mudanças e a manutenção dos saberes tradicionais na agricultura familiar em quilombos do Vale do Ribeira paranaense. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos (PR), v.8, n.2, p. 59-72, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45042/27424>. Acesso em: 03 dez. 2021.

GLIESSMAN, S.R. Rosado-May, C. Guadarrama-Zugasti, J. Jedlicka, A. Cohn, V.E. Méndez, R. Cohen, L. Trujillo, C. Bacon, R. Jaff. Agroecología: promoviendo una transición hacia la sostenibilidad. **Revista Agroecologia**, v.1, n.2, p. 3-21. 2006.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia.

Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 35-45, jan./mar. 2001. Disponível em:

<https://www.agrerverdes.com.br/biblioteca/biblioteca/Agroecologia/Desenvolvimento%20Sustent%C3%A1vel%20e%20Agroecologia/Uma%20estrat%C3%A9gia%20de%20sustentabilidade%20a%20partir%20da%20Agroecologia.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

HERRERA, K. M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 15, p.208-233, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriela/Downloads/49352-Texto%20do%20Artigo-165388-1-10-20170307.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA- INCRA SP. A reforma agrária que produz e alimenta. **Retratos do Campo**, São Paulo, Ano 1, v. 1, p. 20- 35. 2010.

LEAL, L. E. B. B.; SILVA, N. A. N.; BERTOLAZO, I. N. Da banana ao pão: um estudo sobre mulheres feirantes e empreendedorismo. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GESTÃO DE PROJETOS, INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE, IV, 2015, Pernambuco. **Anais...** [...] Pernambuco: IV SINGEP, 2015. p. 4.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. 315p.

MOLINA, M. C. Novas sementes na dinâmica da reforma agrária: as concepções e práticas de mulheres camponesas. *In*: BERGAMASCO, S. M. P. P.; OLIVEIRA, J. T. A. de; ESQUERDO, V. F. de S. **Assentamentos rurais no século XXI: temas recorrentes**. Campinas: Feagri-Unicamp, 2011. p. 247-265.

MOREIRA, M. D.; PICANÇO, M. C.; SILVA, E. M. da.; MORENO, S. C.; MARTINS, J. C. **Uso de inseticidas botânicos no controle de pragas**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/268358966_USO_DE_INSETICIDAS_BOTANICOS_NO_CONTROLE_DE_PRAGAS. Acesso em: 14 dez. 2021.

PACHECO, M. E. L. A questão de gênero no desenvolvimento agroecológico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENA/Núcleo Executivo, 2002. p. 01-04. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufgrs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=16920. Acesso em: 28 out. 2019.

PENTEADO, S. R. **Agricultura Orgânica**. 2001. Disponível em: <http://www.agrerverdes.com.br/biblioteca/biblioteca/Agroecologia/Cartilhas%20de%20Agroecologia/Agricultura%20org%C3%A2nica.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2022.

PLOEG, J. D. V. D. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**. Rio de Janeiro: AS-PTA, n. 1, 2014. Disponível em: http://aspta.org.br/files/2014/02/Agriculturas_Caderno_Debate-N01_Baixa.pdf. Acesso em: 29 out. 2019.

SANTILLI, J. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Peirópolis, 2009. 520 p.

SCHNEIDER, S.; CASSOL, A. **Agricultura Familiar no Brasil**. Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural. Chile: Santiago, 2013.

SHIVA, V. El saber propio de las mujeres y la conservación de la biodiversidad. **Cuadernos del Guincho**, España, v. 7, n. 7, p.90-99, jan. 1999. Disponível em: <http://www.linea-e.com/cuadernos/pdfs/numero07/elsaberpropiodelasmujeres.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SILIPRANDI, E. Agroecologia, Agricultura Familiar e Mulheres Rurais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 2007. p. 845 - 848. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/6427/4733>. Acesso em: 27 out. 2019.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: PETERSEN, P. (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: ASPTA, 2009. p. 139-151.

SILVA, A. A. **Aplicação de leite isolado e associado a fungicidas e adjuvantes no controle do oídio na cultura do feijão**. 2011. 48 f. Dissertação (Mestrado em Agricultura) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

SILVA, E. A.; SANT'ANA, A. L. Caracterização do processamento artesanal de alimentos em assentamentos rurais de Ilha Solteira / SP. **Cultura Agrônômica** (UNESP. Ilha Solteira), v. 25, p. 275-290, 2016.

SILVA, L. M.; CALDAS, A. P.; RODRIGUES, A. L. M.; OLIVEIRA, J. S.; SIMONETTI. O uso do extrato de fumo (*Nicotina tabacum*) como alternativa para o controle de pragas em hortaliças. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS, 2., 2017, Recife. **Anais...** Recife: Cointer PDVAgro, 2017. p. 6-7.

SIQUEIRA, A. P. P. de; CAMARGO, R. A. L. de; ARAÚJO, C. R.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Empoderamento e participação social: o caso das mulheres agroecológicas do Assentamento Vergel em Mogi Mirim, SP. In: BERGAMASCO, S. M. P. P.; OLIVEIRA, J. T. A. de; ESQUERDO, V. F. de S. **Assentamentos rurais no século XXI: temas recorrentes**. Campinas: Feagri-Unicamp, 2011. p. 293-312.

SONODA, R. Y.; SANTOS, T. B. de O.; GONÇALVES, L. T.; OLIVEIRA, F. A.; SANT'ANA, A. L. Algumas características dos produtores, da produção e a questão da extensão rural no Assentamento Estrela da Ilha. In: CONGRESSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA UNESP, 8, 2015. **Anais...** São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/142458?show=full>. Acesso em 11 dez. 2019.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: XX ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 1996, **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 1996. 18 p. Disponível em: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Ra%C3%ADzes%20Historicas%20do%20Campesinato%20Brasileiro%20-%20Maria%20de%20Nazareth%20Baudel%20Wanderley%20-%201996.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.